

**ABERTURA DA CERIMÔNIA DE POSSE DE PAULO
HERKENHOFF E HELENA NADER COMO TITULARES DA
CÁTEDRA OLAVO SETUBAL DE ARTE, CIÊNCIA E CULTURA,
EM 28 DE MARÇO DE 2019, NA SALA DO CONSELHO
UNIVERSITÁRIO DA USP**

Martin Grossmann

De vez em quando, quando sobra tempo, recorro ao streaming para assistir, na Netflix, um ou dois episódios da famosa série **Flying Circus** do grupo de comediantes britânicos **Monty Python**. Mas outro dia me perguntei: por que tanto interesse nessa série produzida e transmitida pela rede estatal BBC da Grã-Bretanha entre 1969 e 1974, totalizando 45 episódios? O programa caracteriza-se pelo seu caráter surreal, irreverente e pelo seu humor absurdo e insinuante. Sua narrativa é não-linear, ou seja, não se faz por meio de um enredo onde existe um começo, meio e fim, próprio de uma narrativa tradicional, clássica. São esquetes dinâmicos e improvisados. Muitas vezes não politicamente corretos. Além disso, há um forte componente gráfico, com animações ricamente elaboradas por um de seus membros, Terry Gilliam, que nessa época iniciou também sua carreira como diretor de cinema. Um de seus mais conhecidos filmes é *Brazil – O Filme*, de 1985.

Monty Python é vanguarda! A BBC, nessa época abriu espaço, em sua grade, para um programa com as características já descritas, movido pela intenção de ser vanguarda, ou pelo menos de continuar a ser de vanguarda. Ou seja, essa televisão estatal entendia que era necessário e de valia transmitir um programa que era crítico ao poder monárquico, crítico aos políticos dos principais partidos e daqueles que estavam na governança do país; crítico ao papel da igreja no Estado; crítico aos heróis da História; crítico aos processos de mitificação nessas instâncias; crítico a própria BBC que os abrigava; à mídia em geral; à indústria cultural bem como às linguagens

tradicionais da arte e da cultura. Nesse sentido, a presença dos Monty Pythons na BBC revela e exemplifica uma nova característica da vanguarda que não mais opera como algo externo, à parte do sistema, ou muitas vezes contra o sistema. Esse outro momento da vanguarda no final do século XX, deliberada e intencionalmente opera no interior do sistema. Ou seja, os sistemas e suas instituições abrigam essas estratégias e suas ações, pois entendem que essas possuem um papel importante em processos de renovação, inovação e até de invenção.

O formato original de Instituto de Estudos Avançados é relacional ao espírito das vanguardas históricas, daquelas que aconteceram desde os meados do século XIX até a Segunda Grande Guerra. Princeton, idealizada por Abraham Flexner com o apoio imprescindível dos filantropos Louis Bamberger e Caroline Bamberger Fuld, se firmou como algo à parte do sistema universitário americano a partir de 1930, atuando como uma antítese a esse sistema. Ou seja, O Instituto de Estudos Avançados de Princeton foi desenvolvido para ser uma plataforma independente e autônoma, crítica às idiosincrasias e limitações das universidades. Ágil e em sincronia com o contemporâneo, atuou de forma política ao acolher cientistas refugiados dos conflitos de escala mundial que assolaram o velho continente. Tornou-se assim um dos principais centros de referência da ciência modernista. Ali se estabeleceram renomados cientistas, como Albert Einstein, Hermann Weyl, John von Neumann e Kurt Gödel.

O nosso IEA aqui na USP, apesar de ter buscado inspiração naquele modelo histórico, é, no entanto, fruto desse outro momento da vanguarda, já caracterizado anteriormente quando comentei o caso dos Monty Pythons. Somos um UBIAS — University-Based Institute for Advanced Studies! O primeiro UBIAS foi criado em Bielefeld, Alemanha, em 1968 (acaba de completar 50 anos). O nosso é de 1986, talvez o quinto ou sexto dessa outra linhagem, que deliberada e intencionalmente surge no interior de uma universidade já estabelecida e reconhecida, local, nacional e globalmente.

Entendo que as cátedras, como a de arte, cultura e ciência e, mais recentemente, a de educação básica, desenvolvidas no âmbito de nosso IEA, tenham papel de destaque em processos de renovação, inovação e invenção nesses sistemas já estabelecidos, institucionalizados, como são as nossas universidades. **O IEA e suas cátedras aspiram atuar como vanguarda!**

No caso da Cátedra Olavo Setúbal de Arte, Cultura e Ciência, em retrospecto, vejo que isso vem acontecendo desde sua primeira edição, em 2016, quando tivemos como catedrático **Sérgio Paulo Rouanet**. Numa perspectiva iluminista tropical, Rouanet, ao idealizar e organizar seu programa, teve, como principal objetivo, reforçar que a nossa modernidade emancipatória, iniciada por Machado de Assis, não é de linhagem inferior ou até mesmo colonizada, mas detentora de uma singularidade que faz diferença no processo de mundialização da cultura.

Já com **Ricardo Ohtake**, em 2017, nesse mesmo espírito, participamos de uma experiência de resgate e empoderamento da nossa capacidade em criar e gestar instituições culturais. Mais uma vez, a originalidade e singularidade foram destacadas por meio de depoimentos de importantes interlocutores/agentes do meio artístico e cultural de São Paulo, ou de outras paragens, que de alguma forma contribuíram para tornar essa cidade um polo mundial da cultura. Os 15 eventos idealizados por Ricardo resgataram atuações históricas e marcantes de gestores culturais que fizeram diferença, como também daqueles que hoje atuam no campo da cultura e das artes. Esse conjunto de depoimentos e debates tornaram-se imediatamente referência, ponto de partida para outras pesquisas nesse campo, revelando as características e especificidades de uma sofisticada e potente institucionalidade da arte e da cultura iniciada por Mário de Andrade.

Com **Eliana Sousa Silva**, escolhida pelo comitê de governança da cátedra como titular para 2018, temos tido um exercício constante e permanente de questionamento, de reposicionamento de nossa pretendida centralidade diante de uma potencialidade que ignorávamos: a periferia. A

partir de abril do ano passado e ainda em ação como professora visitante, Eliana apresentou para a universidade um universo paralelo que só agora começamos a conhecer e interagir.

Diante da periferia revelada por Eliana, nossa condição assemelha-se à do *Angelus Novus* (1920) de Klee, descrita pelo filósofo e crítico alemão Walter Benjamin na nona tese do seu ensaio "*Sobre o Conceito de História*" (1940), cuja reprodução em alta definição encontra-se atualmente em belíssima exposição no CCBB de São Paulo. Diferentemente da melancolia nórdica desse anjo, o nosso espanto é subtropical, contextualizado, pós-colonial.

A periferia é nosso "underground" —alegoria e odisseia— com nítidos graus de correspondência com um dos principais filmes de Emir Kusturica produzido em meados da década de 1990, ganhador da Palma de Ouro do Festival de Cinema de Cannes, que de forma magistral retrata a condição histórica e contemporânea dos Bálcãs, que naquele momento vivia um de seus piores conflitos, uma guerra que dissolveu a antiga república da Iugoslávia. Lá, quanto aqui, o entendimento é que o underground, com o seu imaginário, com sua condição atemporal e anamórfica, com seus paradoxos, diversidade e riqueza, é provavelmente a única potência capaz de nos redimir, atuando, certamente, como uma das principais bases na modelagem de futuros possíveis.

Em sua quarta edição, com **Paulo Herkenhoff** e **Helena Nader**, a cátedra revela uma outra importante qualidade: a de atuar como laboratório interdisciplinar que almeja a transdisciplinaridade, ao aproximar as galáxias da arte e da ciência. Importante frisar que ambas são originárias de uma única, universal, cosmologia ocidental. Uma cosmologia cujas bases são racionais, científicas, ancoradas inicialmente em Newton e Kant e atualizada no século passado por Einstein e filósofos como Benjamin, entre outros. Certamente eurocêntrica, essa cosmologia continua sendo testada, revista e ampliada por mentes irrequietas, como a dos nossos destacados catedráticos desta quarta edição. Que a ação conjunta da arte e ciência, juntamente com as contribuições de nossos outros três catedráticos —Rouanet, Ohtake e

Sousa Silva— possam nos conduzir nesse momento, nesse caos metafísico que assombra a nossa civilização.